

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
CLAUDIA CARDINALE!  
8 e 15 de Abril de 2026

## VAGHE STELLE DELL'ORSA... / SANDRA / 1965

“Belas Estrelas da Ursa...”

*Um filme de Luchino Visconti*

*Argumento e guião:* Suso Cecchi d'Amico, Luchino Visconti e Enrico Medioli / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco): Armando Mannuzzi / *Cenários:* Mario Garbuglia / *Figurinos:* Bice Brighetto; Claudia Cardinale é vestida pela *maison* Irene Galitzine / *Música:* César Franck ("Prelúdio, Coral e Fuga", interpretado por Augusto d'Ottavi e as canções "Una Rotonda sul Mare" (Migliacci/Fareal), por Fred Bongietto; "Se Domani" (Giorgio Calabresi/Carlos Alberto Rossi), por Mina; "Io Che non Vivo Senza Te" (Donnaggio/Pallavicini), por Pino Donaggio; "Strip Cinema", de e Pino Calvi"; Let's go" e "If you don't want", de e por Le Tigro / *Montagem:* Mario Serandrei / *Som:* Claudio Maielli / *Interpretação:* Claudia Cardinale (*Sandra*), Jean Sorel, dobrado por Massimo Turci (*Gianni*), Michael Craig, dobrado por Giuseppe Tinaldi (*Andrew*), Marie Bell, dobrada Andrea Pagani (*a mãe*), Renzo Ricci (*Gilardini*), Fred Williams (*Pietro Fornari*), Amalia Troianni (*Fosca*).

*Produção:* Franco Cristaldi-Vides Film (Roma) e Orsay Films (Paris) / *Cópia:* DCP, versão original legendada em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 1965 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de Dezembro de 1995, no âmbito do ciclo "A Volta ao Mundo em 80 Filmes".

**O filme foi apresentado na televisão com o título de SANDRA. O genérico desta cópia propõe os dois títulos.**

\*\*\*\*\*

*Belas estrelas da Ursa, eu não pensei  
Voltar de novo a contemplar-vos  
Sobre o jardim paterno cintilantes  
E conversar convosco das janelas  
Desta morada onde vivi em criança  
E onde conheci dos meus júbilos o termo.*

Giacomo Leopardi, *Le Ricordanze*

(tradução de Haroldo de Campos)

**Rocco e i suoi Fratelli** e **Il Gattopardo**, realizados respectivamente em 1960 e 1963, consagraram definitivamente o nome de Luchino Visconti no panorama do cinema mundial. Antes de encetar com **The Damned/La Caduta degli Dei**, em 1968, a fase final da sua obra, caracterizada por luxuosas co-produções internacionais, muitas vezes faladas em inglês e que alargariam ainda mais sua audiência, Visconti realizou dois filmes que estão um tanto à parte do conjunto do seu trabalho: **Il Straniero**, baseado no livro de Camus, que mesmo os viscontianos mais empedernidos consideraram um completo falhanço e **Vaghe Stelle dell'Orsa...**, mais conhecido fora de Itália como **Sandra**, título mais fácil de pronunciar e memorizar do que o verso de Leopardi, familiar a qualquer italiano, que serve de título e epígrafe ao filme (a título anedótico, o título inglês é **Of a Thousand Delights** e o argentino **Atavismos Impúdicos**: duplo *sic!*). São hoje filmes um pouco esquecidos, apesar do prestígio de Visconti permanecer intacto. No caso de **Vaghe Stelle dell'Orsa**, o seu empenho como realizador foi total, num filme que ele quis mais fechado e mais seco, mais "moderno" do que os que viria a fazer no seu período final. Note-se que se trata de um argumento original do próprio Visconti, com a participação de uma das suas colaboradoras mais próximas, Suso Cecchi d'Amico, além de Enrico Medioli.

Como tantos cineastas, Visconti sempre teve relutância em "explicar" os seus filmes, consciente que *"quando o espectador compra um bilhete, quer saber o que o autor quis dizer através do que se passa na tela e não de declarações"*. Ainda assim, definiu este filme como *"um drama do não-ser"* e, por estranho que pareça, *"um filme policial pouco usual"*, evocando a tragédia de Édipo como *"uma das primeiras histórias policiais: o culpado é aquele sobre quem pesam menos suspeitas"*. Atendo-se a um estilo de *mise en scène* que ele definiu como uma espécie de *Kammerspiel*, muito diferente do sopro dramático ou histórico que atravessa **Rocco** e o **Gattopardo**, estimulado *"pelo antigo enigma etrusco, de que Volterra é a expressão perfeita, o complexo de superioridade dos judeus e um personagem de mulher"*, Visconti tece um drama que tem como ponto de partida o tema da volta à casa paterna, implícito no título do filme, cuja protagonista envereda pela busca da verdade, tema central no drama de Édipo. Trata-se, por conseguinte, de uma história moderna que tem laços com dramas antigos, o que é especificado pela rápida transição de um moderno apartamento em Genebra, no pré-genérico, a Volterra e ao interior de um palácio. O genérico, feito por longos *travellings* nas auto-estradas que ligam Genebra à Itália, sobre os quais os nomes dos membros da equipa surgem bruscamente, é bastante insólito para um filme de Visconti e é emblemático da sua vontade de fazer um filme moderno, uma espécie de *Europa 65*, uma Europa sobre a qual ainda pairam as sombras da Segunda Guerra Mundial, inextricavelmente misturadas aos dramas familiares dos protagonistas. Vindo de Visconti, isto é menos insólito do que parece, pois como encenador teatral ele montou, além de muitos clássicos, autores modernos como Jean Cocteau, Tennessee Williams e Eugene O'Neill. Outros sinais presentes no filme do tempo presente, do período 1964-65, são as diversas canções italianas, de grande sucesso à época, que pontuam a banda sonora, menos pelo contraste que oferecem com a música de César Franck, que é o principal tema sonoro do filme, do que como referências à época das filmagens. Visconti insiste por conseguinte em situar o seu filme no tempo presente, precisamente porque este é um filme sobre o tempo, mais exatamente sobre o passado, sobre as lembranças e a obsessão dos dois irmãos com o passado: Sandra investiga o passado (busca a verdade sobre as circunstâncias que levaram o seu pai a ser deportado para Auschwitz), Gianni quer reviver a adolescência e por isto repete a sua tentativa de suicídio da adolescência, deliberadamente destinada a falhar e que, de modo não menos deliberado, não falha desta vez. O romance em que Gianni conta a sua adolescência e a sua incestuosa paixão pela irmã tem o mesmo título que o filme e é por conseguinte uma evocação-invocação do passado (Gianni recita toda a primeira estrofe do poema de Leopardi, intitulado precisamente *Recordações*). A mãe, semi-demente, internada numa clínica toca, em diversos *flashbacks* o *Prelúdio, Coral e Fuga*, de César Franck, que ouvimos incessantemente durante todo o filme, como um sintoma de demência, ora como música subjetiva, ora como música objetiva (e a música é a arte do tempo). A própria escolha do preto e branco, ditada em parte por prosaicas razões económicas, vem reforçar a contemporaneidade do filme, pois os minuciosos cenários do palacete deixam de ser signos descritivos, como em outras obras de Visconti e adquirem quase a feição de um fundo abstrato, sobre o qual se movem os personagens. Mesmo o uso insólito e um pouco canhestro do *zoom*, uma das figuras de estilo de mais difícil utilização, participa desta vontade de *secura e exatidão*: *"Trata-se de um filme breve, em relação ao que costumo fazer. Há, por conseguinte, uma espécie de rapidez, de confusão no modo de narrar. O «zoom» ajudou-me a acelerar o conhecimento dos personagens"*.

**Vaghe Stelle dell'Orsa...** foi comparado a **Les Parents Terribles**, de Cocteau, uma das primeiras peças que Visconti montou em teatro, na medida em que transforma um drama familiar em verdadeira tragédia, embora com um estilo muito distinto da obra de Cocteau. O filme antecipa também certos aspectos de **A Morte em Veneza**, com a presença obsessiva de uma cidade de tal modo marcada pela História que de certa forma é um túmulo e sobretudo o uso de uma peça de música clássica, nunca de modo decorativo e sim dramático. Deste ponto de vista, o momento mais belo e mais viscontiano do filme é o final, com a ascensão da criada e do médico pelas escadarias e os salões do palácio, até à descoberta do corpo de Gianni, ponto culminante do drama, reforçado pelo uso da música de Franck, também no seu momento culminante e o ponto final do filme, abrupto e elíptico, é pontuado pelo último acorde da peça pianística. Neste trecho, ao mesmo tempo dramático e operático, a *mise en scène* de **Vaghe Stelle dell'Orsa...** é realmente "viscontiana", ainda que este seja um filme em que o realizador faz uma pausa, ou antes um desvio, antes de arrancar para uma nova fase.